

# Zero-a-Seis

## “A VIDA NÃO É ÚTIL”: SONHAR E SUSPENDER O CÉU “Life is not useful”: dream and lift the sky

Fabiana Oliveira **CANAVIEIRA**  
Departamento de Educação I,  
Universidade Federal do Maranhão,  
São Luís (MA), Brasil  
[fabicanavieira@yahoo.com.br](mailto:fabicanavieira@yahoo.com.br)  
<https://orcid.org/0000-0003-1484-4549> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 



KRENAK, Aílton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

## RESUMO

Esta resenha tem o objetivo apresentar não só último livro do líder indígena, jornalista e ambientalista Ailton Krenak intitulado **A vida não é útil** (2020b), mas, sua cosmovisão sobre a dualidade vida e morte, como também, sobre nossa relação com a Terra, desnudando a ficção do modelo econômico no qual nos inserimos. Sua linguagem objetiva, sensível e irônica são marcas de um pensamento anticolonial, anticapitalista e intensamente crítico do modelo de vida predatório que a alta casta que se autodenomina humanidade vive, a qual ele tece críticas contundentes. O autor expõe, a partir de seus saberes tradicionais ancestrais, sua forma de conexão com a Terra como organismo vivo inteligente. Tece considerações sobre as diferentes percepções de vida e morte, para os indígenas e os não-indígenas, situando essa discussão no contexto da pandemia do novo Coronavírus – Covid19. Aborda o fetiche pelas tecnologias e faz a defesa da conexão ente sonhos e a vida cotidiana, ao mesmo tempo que defende menos desenvolvimento e mais envolvimento. O convite à leitura desta obra dar-se tanto por seu conteúdo crítico de defesa de uma *política de vida*, mas também, pela estética sensível da sua cosmopolítica realista *microesperançosa*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cosmopolítica. Saberes Ancestrais. Pensamento decolonialista.

## ABSTRACT

This review does not intend to only introduce the latest book of indigineous leader, journalist and environmentalist Ailton Krenak, entitled *A Vida não é útil* (Life is not useful), but also to discuss his thinking, gathered in the latest three books Krenak published. The latest publications, a trilogy, unravels the fiction of the economic model in which our lives are embedded. Within an objective, sensible and ironic language, the author marks his anti colonial, anti capitalistic and intensively critical thinking towards the predatory life model that the high caste that calls itself humanity lives, which he makes strong criticisms. The author exposes, from his traditional ancestral knowledge, his form of connection with the Earth as an intelligent living organism. Also makes considerations about different perceptions of life and death, to indigenous people and non-indigenous people, placing the discussion in the context of the pandemic of the new Coronavirus - Covid19. It approaches the technologies fetish and defends the connection between dreams and everyday life, while defending less development and more involvement. The invitation to read his work is not only due to its critical content in defense of a *politic of life* but also due to the sensitive aesthetics of its *micro-hope* realistic worldview.

**KEYWORDS:** Cosmopolitics. Ancestral Knowledge. Decolonialist thinking.

## INTRODUÇÃO

*Oh, utilidade inesperada do que é inútil!*  
**Victor Hugo, Os Miseráveis**

Ailton Lacerda Krenak, líder indígena, ambientalista, jornalista e escritor, nasceu na região do Rio Doce em Minas Gerais e pertence ao povo da etnia dos Crenauques. Tem despontado nos últimos anos como um grande intelectual orgânico brasileiro, apresentando seu pensamento contundente através de seus três livretos produzidos pela editora Companhia das Letras o primeiro e de grande sucesso denominado "Ideias para Adiar o Fim do Mundo" (2019), o segundo "O futuro não está a venda" (2020<sup>a</sup>) e este apresentando nesta resenha "**A vida não é útil**" (2020b). É possível que muitos de suas leitoras e de seus leitores, assim como eu, não o conhecesse antes destas publicações, apesar de sua liderança na luta pelos direitos dos povos indígenas desde a Constituinte. Contudo, o título de suas obras, a urgências das pautas abordadas, sua escrita e pensamento acabam por serem balsamos xamanicos em meio ao caos em que vivemos. Afinal, quantos de nós não nos questionamos sobre o possível "fim do mundo"

nesses últimos anos? Então, como não se interessar por “Ideias para Adiar o Fim do Mundo” (KRENAK, 2019)?

Em uma linguagem clara, direta e envolvente, sem engessar a fluidez da sabedoria ancestral de seu povo, ele vai traduzindo para sua visão o que muitos já sabem ou deveriam, a saber: a crise do modelo econômico capitalista ultraliberal, em suas palavras, da “a economia como ficção” na era do *necrocapitalismo*; a fragilidade do nosso conceito de “humanidade”; mas, principalmente, nossa ignorância em não entender e tratar a Terra como um organismo vivo, com uma linguagem própria com a qual devemos interagir para além do consumo predatório de suas riquezas.

Sua narrativa reflexiva e ao mesmo tempo irônica revela uma cosmovisão na qual não estamos tão acostumados a ver/ler, é totalmente anticolonista e antiantropocêntrica, rompe com uma argumentação cientificista centrada nos saberes que desconsideraram por anos os saberes tradicionais, ancestrais e populares, oriundos daquelas e daqueles que conseguem estabelecer uma comunicação respeitosa com as linguagens da natureza, seus ciclos, elementos e formas. Assim como, são aquelas e aqueles que ao sonharem estabelecem uma conexão entre a realidade cósmica e a vida cotidiana guiando-a por caminhos diferenciados.

Só por esse aspecto sua leitura já seria válida, mas ele não centra seu debate apenas na sua capacidade lúcida, ampla e sensível de olhar, ouvir, ler e entender a Gaia e tudo que nela vive - e fazer sua defesa, Krenak fala também por aqueles e aquelas que distantes e alienados dessa forma de conexão com a Terra, também se tornaram vítimas da política e da razão do *deixar morrer*.

Em seu terceiro livro “**A vida não é útil**” (2020) Ailton Krenak inicia nos lembrando que temos nos orientado por uma ideia de humanidade, falida, que funciona como um clube exclusivo que deixa de fora uma maioria de *sub-humanidade*. Os membros da alta casta da humanidade têm se constituído como verdadeiras pragas ao planeta, devorando a terra e suas várias formas de vida, em prol da concentração de riqueza e de uma ideia de progresso como um ponto de chegada, que a seu ver, é ficcional, afinal afirmado em um dos capítulos deste livro “não se come dinheiro”.

E aí está o mote da reflexão para a qual Krenak nos convida - pensar sobre o significado da vida. No entanto, ele mesmo diz: “vida está para além do dicionário, não tem uma definição (KRENAK, 2020b, p.29)”, em sua concepção, temos estado presos a uma visão reducionista do entendimento da vida. O autor cita o novo Coronavírus – SARS/COVID 19 para demonstrar “o artifício do tipo de vida que nós criamos (KRENAK, 2020b, p.7)”, em que “não é preciso nenhum sistema bélico complexo para apagar essa

tal de humanidade (idem)”. E continua pautando a pandemia na contramão daqueles e daquelas que pediam por uma “volta”, como se voltar no tempo fosse possível, não só não é, como afirma Krenak, seria um erro, ele escreve: “Tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro (KRENAK, 2020b, p. 49)”, a pandemia exige, a seu ver, uma reconfiguração das formas de consumo e do viver.

Contrário à *política de morte* que tem vigorado em nosso país, bem antes da pandemia, e intensificada durante esta, destaca que as perdas se fizeram ainda mais cabais com a morte não só de pessoas, mas do solo, da vegetação, com parte significativa da fauna e flora brasileira virando cinzas. Apesar do autor afirmar que há uma certa “igualdade no risco” à nossa vulnerabilidade ao novo Coronavírus, faz-se importante frisar que os povos indígenas, habitantes e defensores das florestas e de toda a biodiversidade de nosso país, foram alvo da *necropolítica*<sup>1</sup> que tanto combatem, deixados à mercê da morte por COVID 19 pelo Estado Brasileiro, sem uma política de isolamento protetivo de suas comunidades, sem medidas sanitárias e funerárias que respeitassem suas tradições, foram expostos ao contágio e se viram sendo dizimados, mais uma vez.

O livro **“A vida não é útil (2020)”**, é escrito nesse contexto, da perda de vidas em meio a maior pandemia do século. É o mais volume entre seus três livros publicados por Krenak até agora, está dividindo em cinco capítulos, começando com “Não se come dinheiro”, seguido da discussão “Sonhos para adiar o fim do mundo” uma retomada e continuidade da sua primeira obra; apresenta então a discussão sobre “A máquina de fazer coisas”; retoma novamente a discussão do seu segundo livro com o mesmo título “O futuro não está a venda” e finaliza com a temática que dá origem esta obra **“A vida não é útil”**.

Sem adentrar nas especificidades de cada capítulo, um ponto de alinhavo entre eles seria a discussão sobre o que é útil e inútil para aqueles e aquelas que almejam a continuidade das formas de vida na terra, essa questão perpassa indiretamente por toda a obra de Krenak. Para acrescentar pequenos apontamentos ao debate, incluo aqui o pensamento do escritor italiano Nuccio Ordine do livro *“A utilidade do inútil: um manifesto”* (ORDINE, 2016), os autores guardam pontos em comum ao afirmarem que,

---

<sup>1</sup> Categoria cunhada por Achille Mbembe (2018, p. 5) quando diz que trata-se d’o poder e a capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer”. Que entendemos como uma forma de violência estatal ligada às estruturas que organiza as relações sociais e de produção da sociedade, reproduzindo-se no cotidiano dos diversos grupos e, aqui especificamente, no cotidiano da população negra.

em um mundo dominado pelo *homo economicus*, não é fácil compreender saberes e práticas que não visam o lucro fundado exclusivamente na necessidade de pesar e medir, privilegiando sempre a *quantitas*.

Há saberes que têm um fim em si mesmos e que – exatamente graças à sua natureza gratuita e livre de interesses, distantes de qualquer vínculo prático e comercial – podem desempenhar um papel fundamental no cultivo do espírito e no crescimento cultural da humanidade. Nesse sentido, considero útil tudo o que nos ajuda a nos tornarmos melhores (ORDINE, 2016, p. 9).

Nuccio Ordine defende a literatura como *lócus* da resistência, como antídoto à barbárie do utilitarismo e do egoísmo do presente, o que, a meu ver, guarda semelhanças com o que Ailton Krenak faz, na defesa dos seus saberes tradicionais de conexão com a natureza e valorização dos sonhos, como lugares da *gratuidade*, capazes de amparar relações sociais e cósmicas profundamente afetivas e solidárias. Contudo, no cenário brutal da contemporaneidade, a inutilidade da vida e de certos saberes se contrapõe radicalmente ao dominante utilitarismo dos interesses econômicos, que vêm progressivamente matando a memória do passado.

Os escritos de Krenak também guarda particularidades em comum com os de Davi Kopenawa e Bruce Albert na obra "*A queda do céu*" (KOPENAWA; BRUCE, 2015), para este momento gostaria de destacar apenas três: i) quando falam que nós, não-indígenas, queremos ignorar/negar a morte; ii) quando falam da luta para continuarem mantendo o céu no lugar – desde que preservemos as florestas, seus espíritos e a vida daqueles e daquelas que a protegem, pois, caso esses morram, não haverá mais nada, nem ninguém para sustentar o céu e ele vai desabar; por fim, mas não menos importante, iii) é a valorização dos sonhos e suas narrativas. Como bem disse Kopenawa (2015) os professores e as professoras dos brancos não os ensinam a sonhar! Uma grande verdade. "Os brancos não sonham tão longe quanto nós. Dormem muito, mas só sonham com eles mesmos. Seus pensamentos permanecem obstruídos (...) (KOPENAWA; BRUCE, 2015, p.390)".

Para Krenak, os sonhos formam uma consciência coletiva, têm sua importância ao atuarem como uma instituição que prepara os passos para o relacionamento do inconsciente individual com a vida cotidiana – uma prática que pode ser entendida como um regime cultural de veiculação de afetos, no sentido amplo do termo, de como eles podem afetar o mundo sensível coletivo. Nas palavras do Krenak: "É uma orientação que pode ser pensada como mágica, mas, na verdade, é o nosso modo de vida. Enquanto (nos) perseverarmos nele, vamos continuar sendo quem somos. Essa

experiência (...) orienta as minhas escolhas. É uma forma de preservar nossa integridade, nossa ligação cósmica (KRENAK, 2020b, p.21).

Os três livros do Krenak (2019, 2020a e 2020b) defendem uma *política de vida*, de direito à existência, não só da vida humana, e em especial da sub-humanidade - indígenas, caiçaras, quilombolas e outros tantos marginalizados do/pelo sistema econômico -, mas da Terra como organismo vivo inteligente. Trata-se, ao mesmo tempo, de uma visão *cosmopolítica* que defende uma *micropolítica localista* com os fundamentos ancestrais indígenas, atualizados com a ecologia, a permacultura, e eu acrescento, o veganismo. Questões que vêm ocupar o lugar da desilusão com a macropolítica presente “nos cemitérios urbanos”, buscando sua superação pelo engajamento existencial, onírico e a biofilia.

No final do primeiro capítulo, Ailton Krenak defende que precisamos reconhecer que a saída para toda essa crise mundial é coletiva, para nos permitirmos uma outra compreensão sobre a vida na Terra, entendendo que somos parte da natureza como co-terrâneos e co-viventes. Há duas passagens na obra que transbordam a seriedade e sensibilidade do autor, com as quais gostaria de convidar todas e todos à leitura do deste livro - no primeiro trecho o autor afirma: “temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver (KRENAK, 2020b p.13)” e o segundo é o verdadeiro convite,

Suspender o céu é ampliar os horizontes de todos, não só dos humanos. Trata-se de uma memória, uma herança cultural do tempo em que nossos ancestrais estavam tão harmonizados com o ritmo da natureza que só precisavam trabalhar algumas horas do dia para proverem tudo que era preciso para viver. Em todo o resto do tempo você podia cantar, dançar, sonhar: o cotidiano era uma extensão do sonho (KRENAK, 2020b, p.25).

Poderia ser dito que temos uma trilogia finamente articulada, em que o debate sobre “ideias para adiar o fim do mundo (KRENAK, 2019)”, um “futuro não está a venda (KRENAK, 2020a)” e o entendimento que o tipo de vida que conhecemos “não é útil”, são discutidas pelo olhar pós-colonialista da cosmovisão indigenista, em que tecnologias ancestrais nos apontam modos de conexão que alargam o presente e permitem perceber as possibilidades e potencialidades de construir outras maneiras de responder a questão: como vamos continuar existindo? Contudo, a obra “**A vida não é útil**” (2000b), é uma narrativa aberta, não linear, e também não finalizada, não por ser inconclusiva, mas por ser uma história viva, pela qual ansiamos por uma continuidade, que seu narrador, realista e esperançoso, ao mesmo tempo que nos conta o que consegue visualizar no horizonte, nos ajuda a seguir.

Com essa resenha tentei demonstrar que temos sabedorias ancestrais que construíram percursos anticolonialista, anticapitalista, antiantropocêntrico e antinecropolítica que podem servir de lastro para a educação do con-viver, do *amor mundi*, dos *novos inícios* desde a pequena infância e da ética da educação-cuidado tão necessária no presente, de onde pode emergir indícios que provoquem a edificação de novas configurações de currículos formativos, que rompam com a cultura educacional *sem-vida* que quer se estabelecer desde a Educação Infantil. Contudo, não se aspirou relacionar diretamente as discussões aqui apresentadas ao contexto político pedagógica da educação básica brasileira, mas sim, refletir com educadoras e educadores sobre nossa formação humana, portanto, o convite à leitura se amplifica, torna-se uma convocatória à resistência pela existência.

## REFERÊNCIAS

- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018. 80 p.
- KOPENAWA, Albert.; BRUCE, Davi. **A queda do céu**: palavras de um xamã yahomami. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras. Edição do Kindle (2019).
- KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. Companhia das Letras. Edição do Kindle, 2020a.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Companhia das Letras. Edição do Kindle, 2020b.
- ORDINE. Nuccio. **A utilidade do inútil**: um manifesto. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

## NOTAS

### TÍTULO DA OBRA

**"A VIDA NÃO É ÚTIL": SONHAR E SUSPENDER O CÉU**

"Life is not useful": dream and lift the sky

**Fabiana Oliveira Canaveira**

Doutora em Educação  
Universidade Federal do Maranhão  
Departamento de Educação I  
São Luís (MA), Brasil

[fabicanaveira@yahoo.com.br](mailto:fabicanaveira@yahoo.com.br)

<https://orcid.org/0000-0003-1484-4549>

### Endereço de correspondência do principal autor

Rua dos Ipês, n. 17, apart. 203. Renascença. CEP 65075-200, São Luís – MA, Brasil.

### AGRADECIMENTOS

Agradeço à Olívia Coelho parceria acadêmica, pela leitura desta resenha e pelas trocas decolonialistas.

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**Concepção e elaboração do manuscrito:** A. O. Canaveira

**Coleta de dados:** A. O. Canaveira

**Análise de dados:** A. O. Canaveira

**Discussão dos resultados:** A. O. Canaveira

**Revisão e aprovação:** A. O. Canaveira

### CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

### FINANCIAMENTO

Não se aplica.

### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

### CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

### LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

### PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

### EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

### HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 29-11-2020 – Aprovado em: 07-12-2020